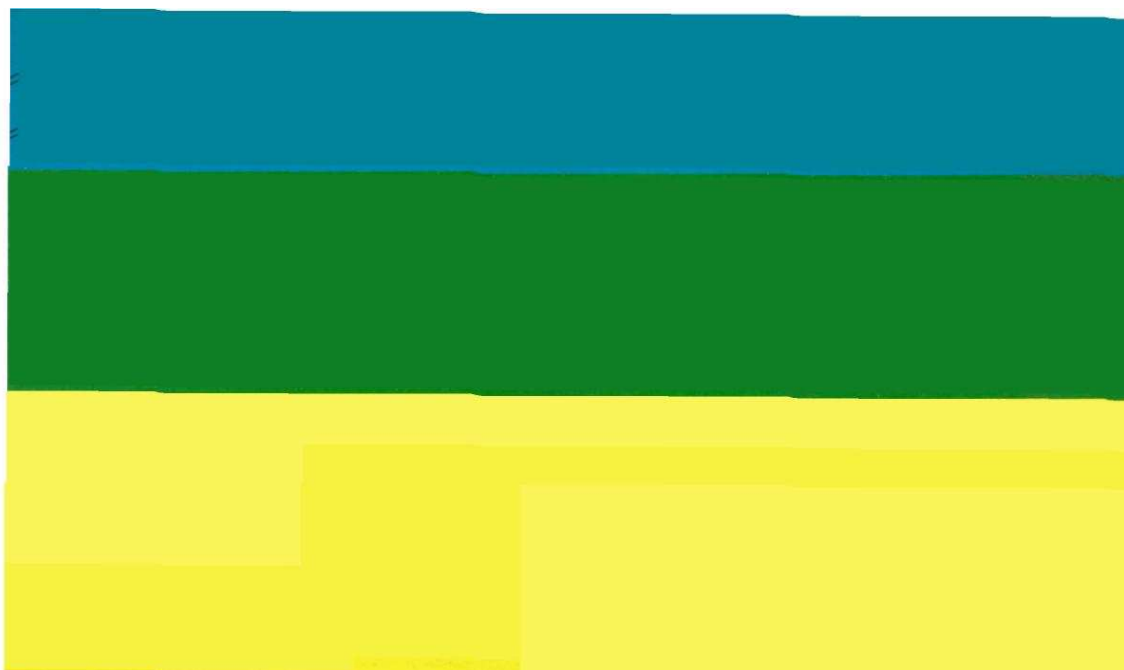




Ziraldo

A FABULA DAS TRÊS CORES

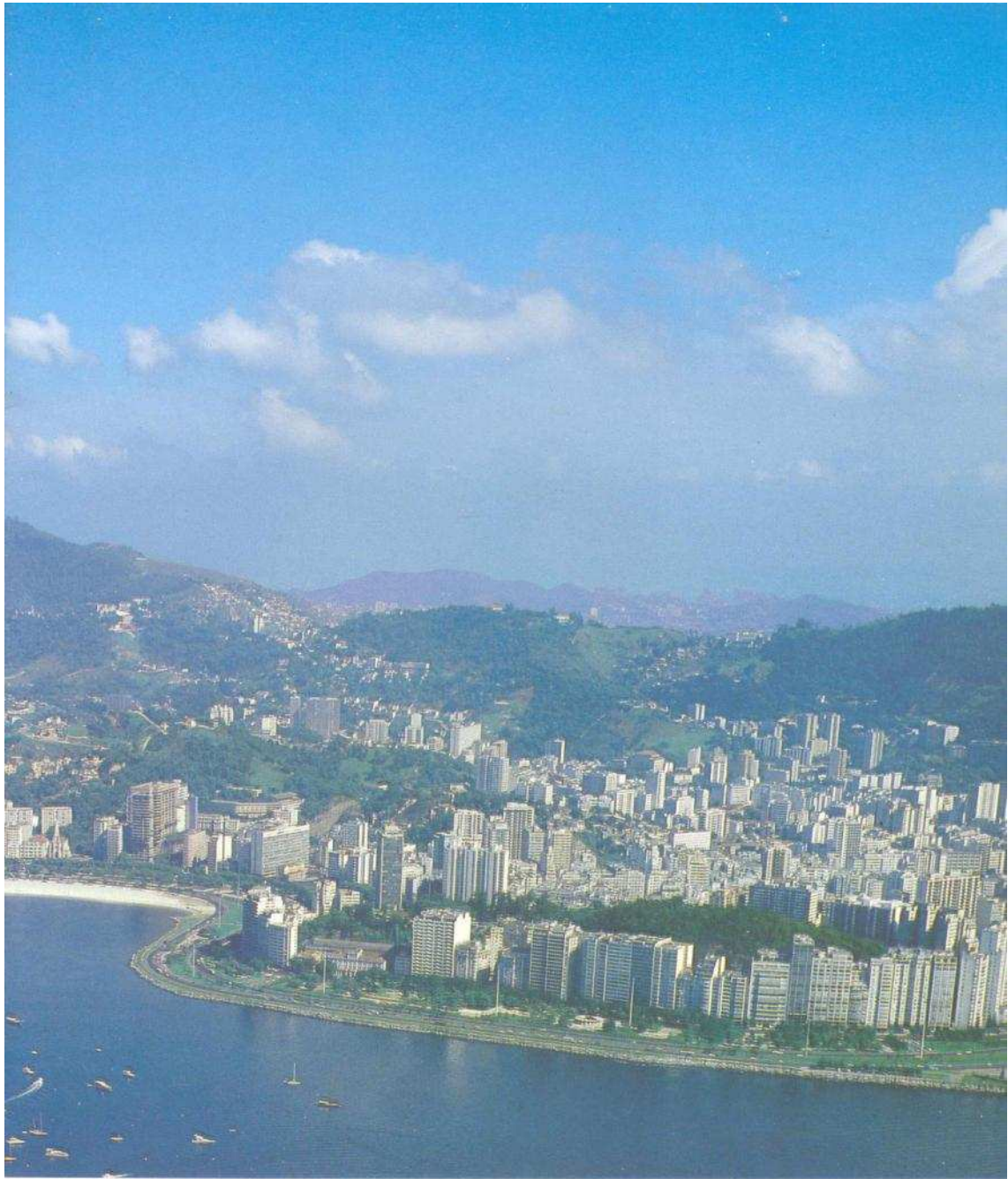
<http://groups.google.com/group/digitalsource>



“Meu nome é Azul”
falou a cor
que colore esta
página.
As cores
trabalham muito
pois têm que colorir
as coisas todas
do mundo.



Assim como faz o Azul, que passa o ano inteirinho

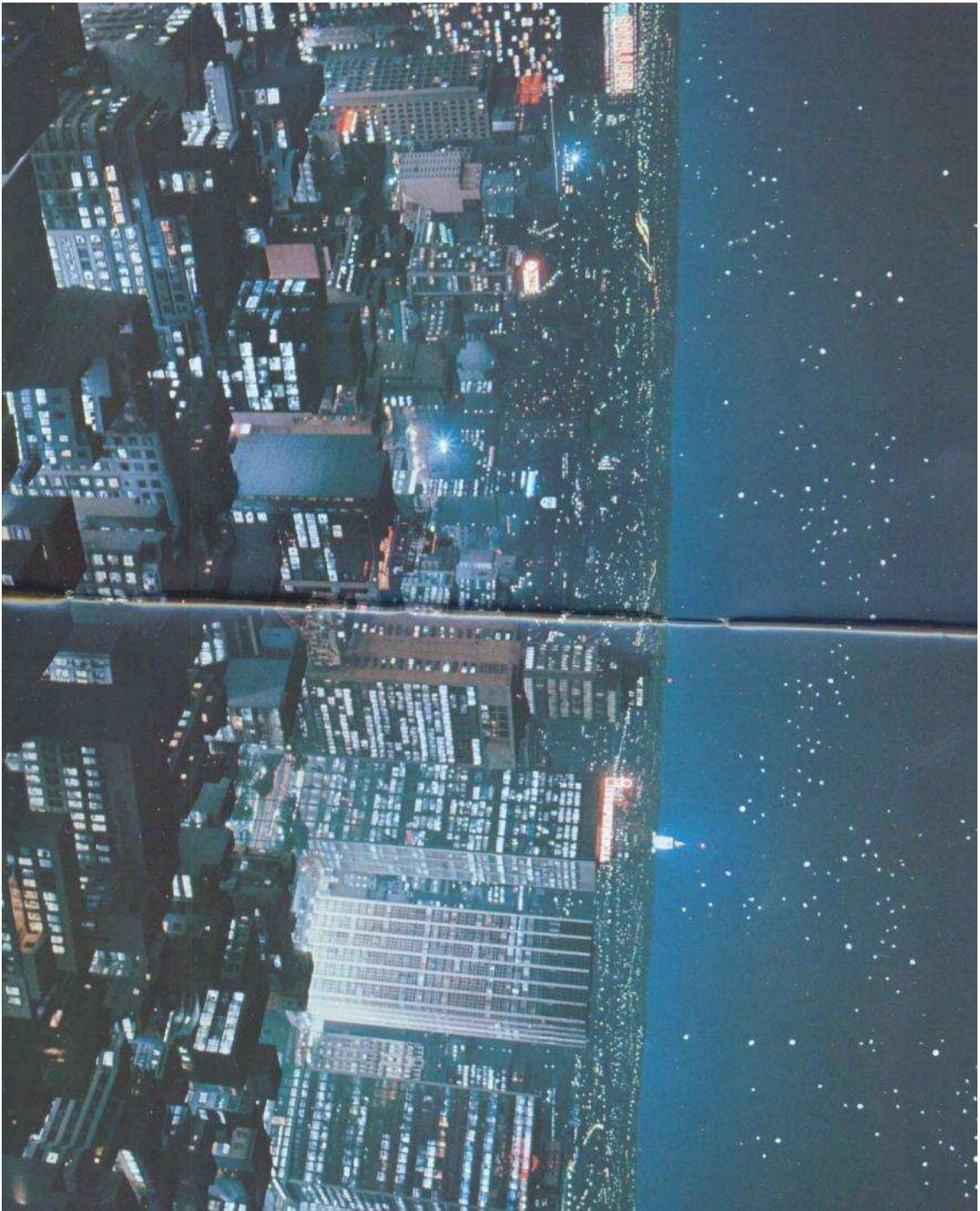


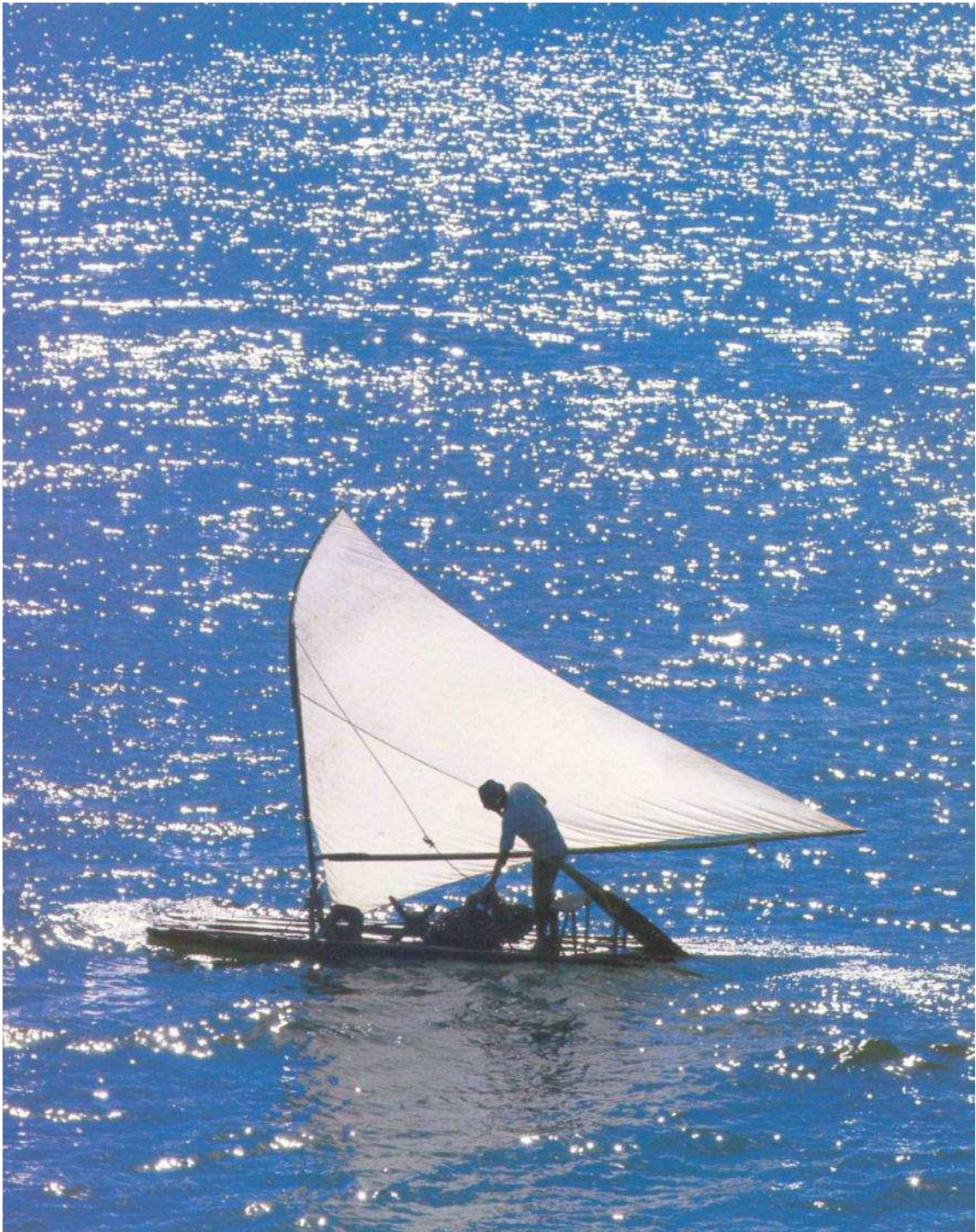
colorindo a paisagem de um verão que não tem fim.

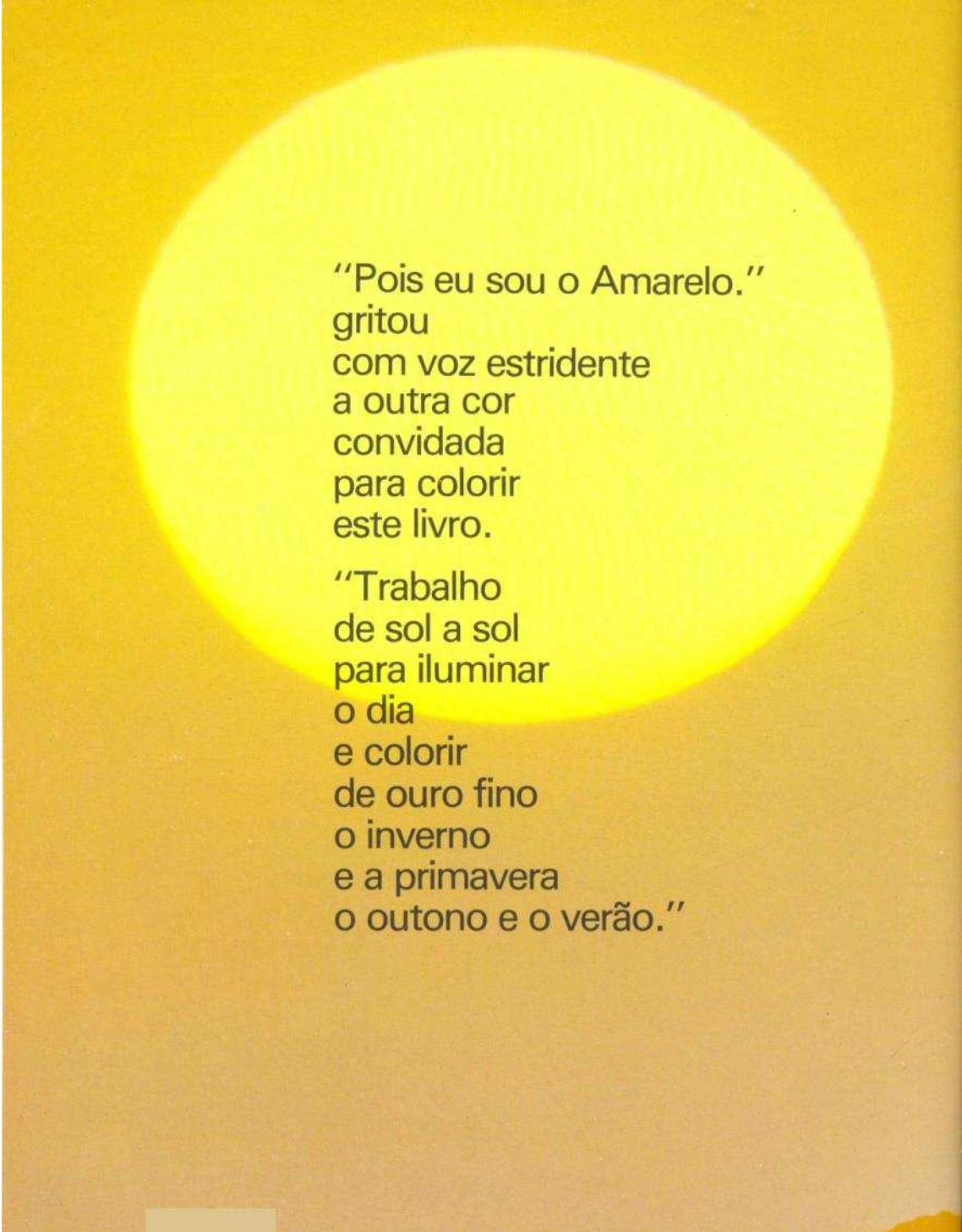
E é o Azul
- mais uma vez -
a cor
deste mar
tão grande
singrado
por pescadores
em barcos
de pau e pano.
O mesmo mar
todo azul
que em
outros tempos
foi cruzado
por
navegantes
audazes
em busca
de outras
terras.



E
quando
as noites
são claras
lá está o Azul
mais forte
todo coberto
de estrelas
refletidas
na cidade
que
se perde
no horizonte.







“Pois eu sou o Amarelo.”
gritou
com voz estridente
a outra cor
convidada
para colorir
este livro.

“Trabalho
de sol a sol
para iluminar
o dia
e colorir
de ouro fino
o inverno
e a primavera
o outono e o verão.”

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecer novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



"Sou o fruto e sou a fauna
sou a nota da canção."



“Sou a cor do
ouro fundido
(que doura
o tempo
e a História)
a cor do ferro
que
em brasa
corre
em busca
do progresso.
Eu sou
a cor
dos metais.”



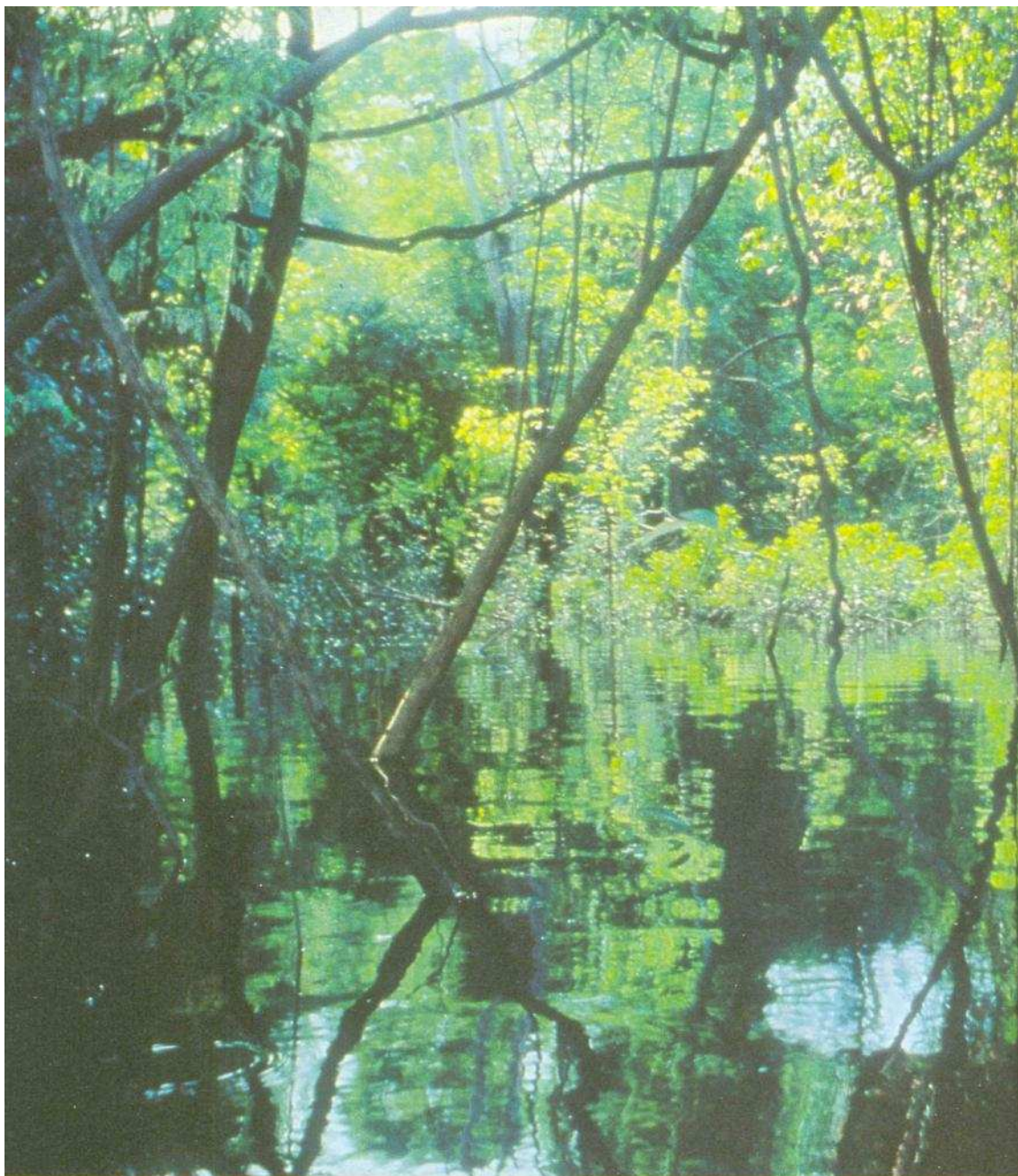
"Sou a cor do dia a dia, da festa de um povo



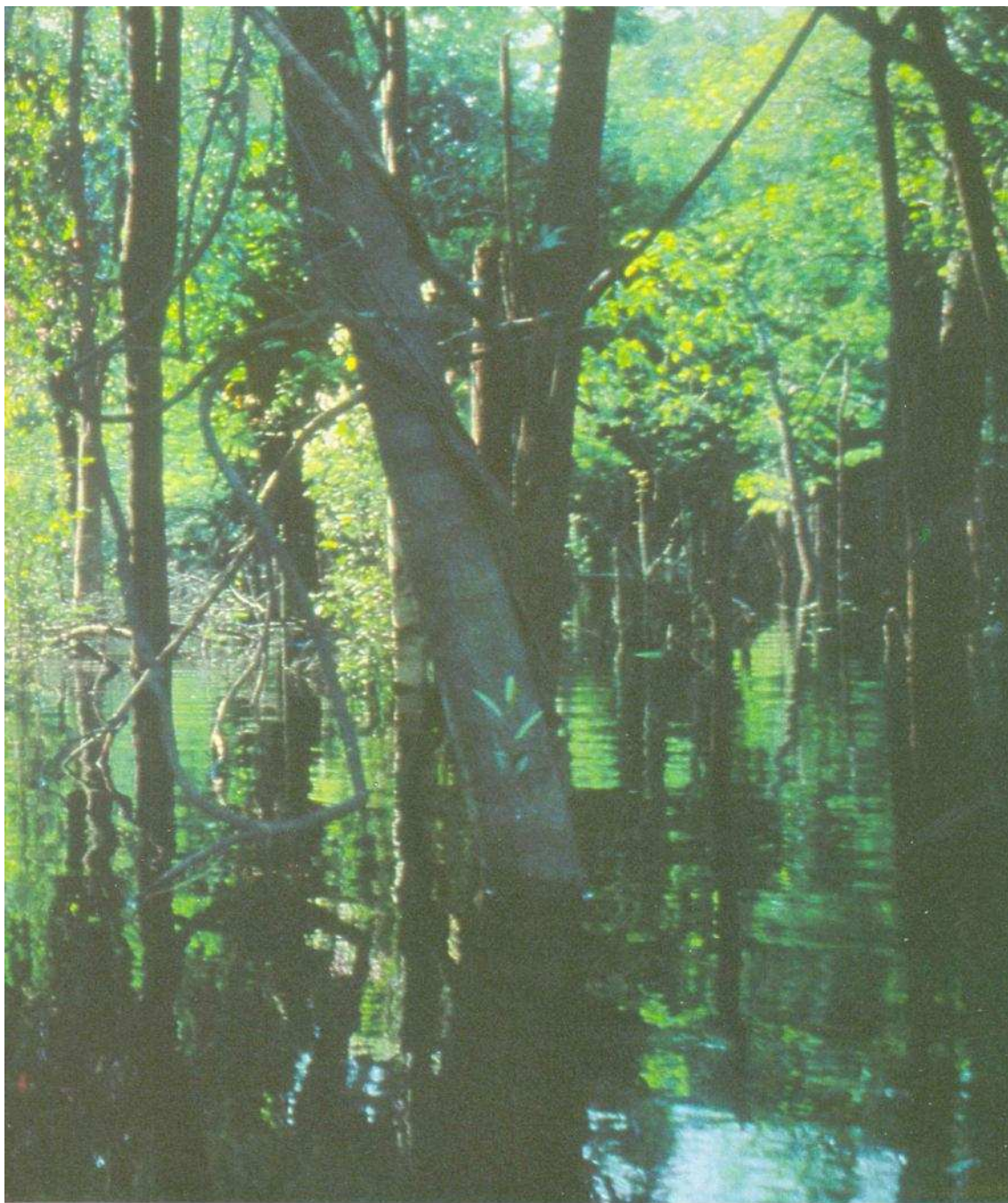
inteiro, seu canto e sua alegria.”



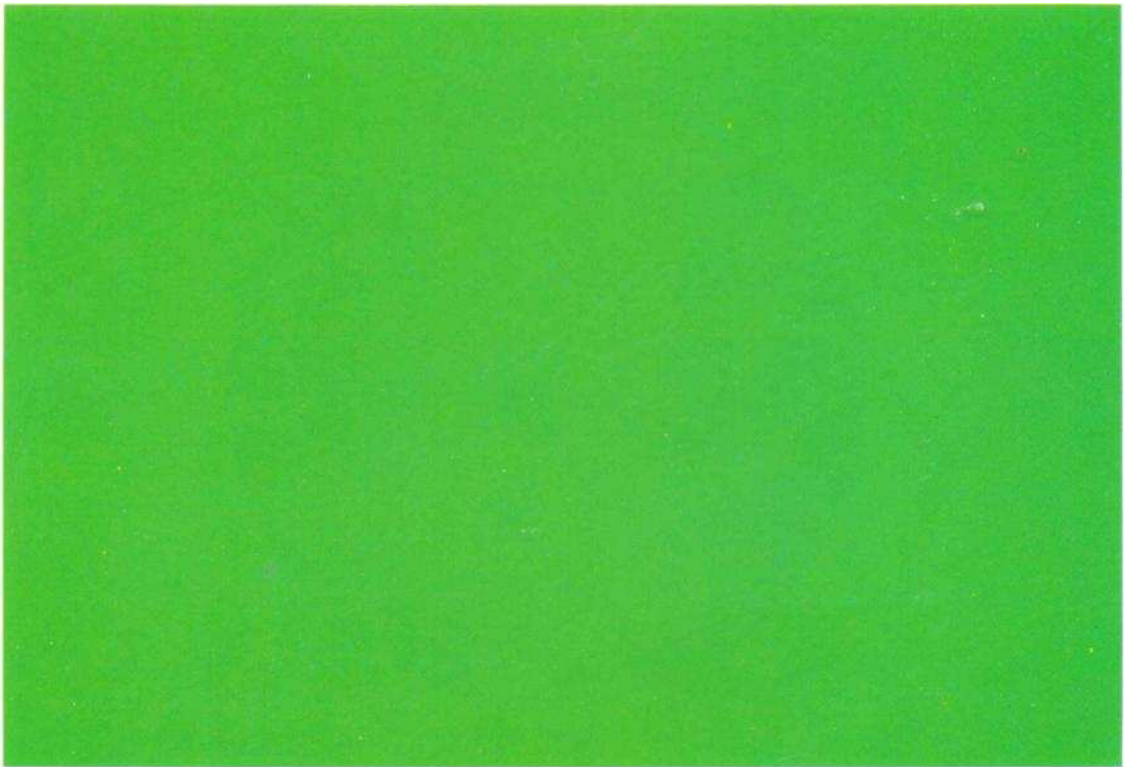
"Pois eu sou
a cor do Encontro"
disse o Verde
aparecendo.
"Sou a cor da
Esperança."
(Quando dois
valem por
três).



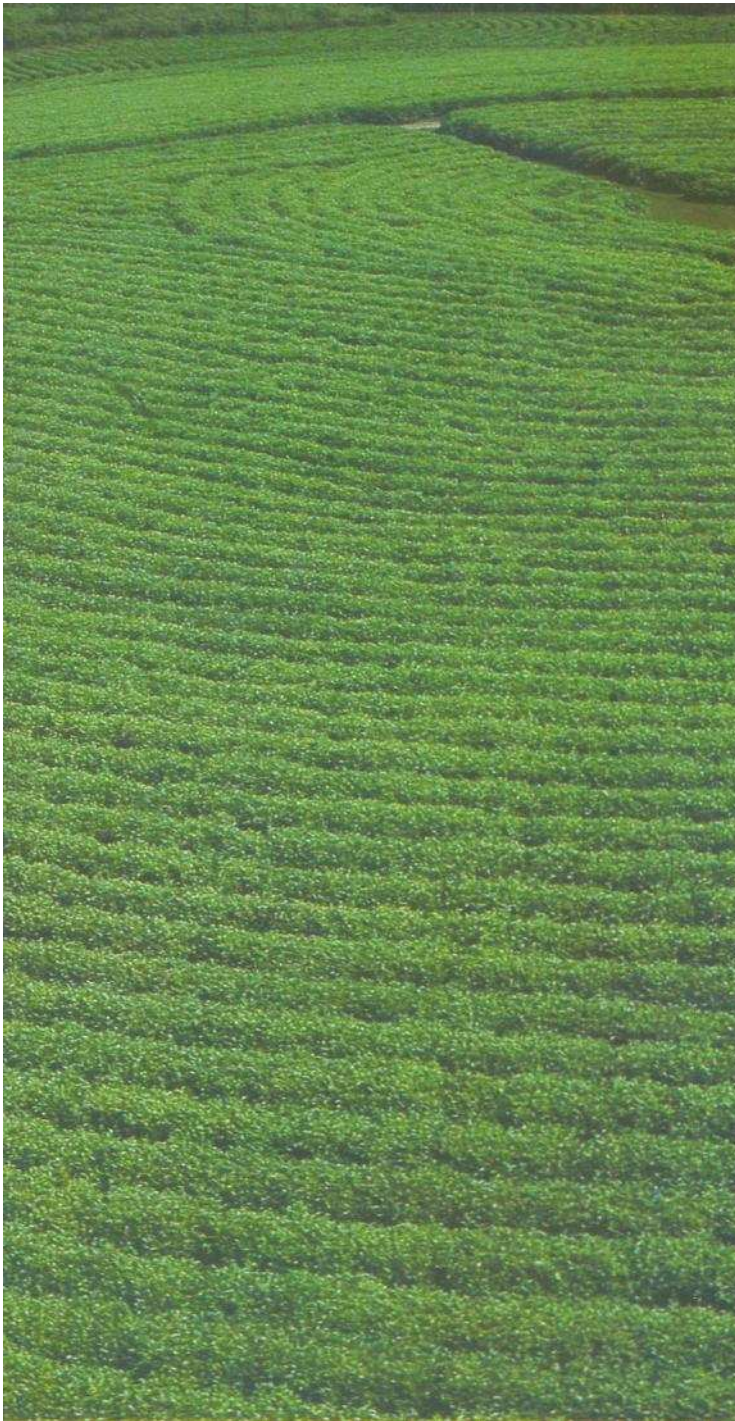
"Sou a cor da mata densa, a cor da água dos rios, que



correm, com seu mistério, no meio da grande selva."



“Eu vou virar
um retângulo”
— falou o Verde
feliz —
“que se pareça
a um jardim
à espera
de suas flores.”



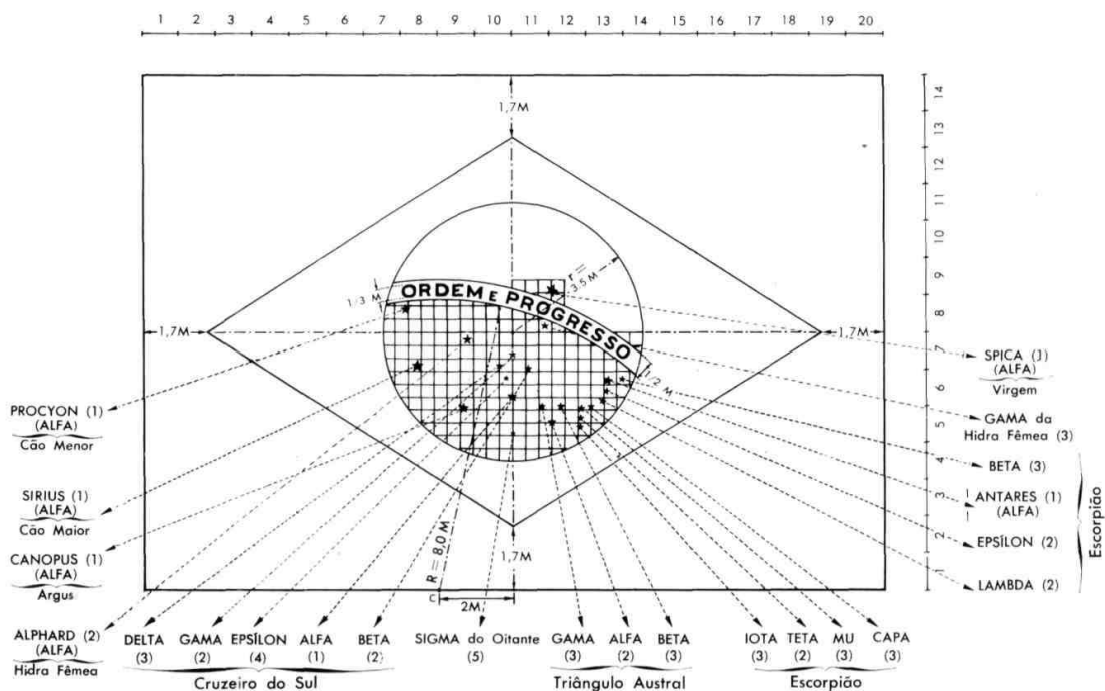
“Sou a cor
do campo arado
depois
que a semente
cresce.
E quando a luta
é o trabalho
sou a
correta vitória
do Homem na
Natureza.”

² Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



As cores são muito sérias
e, às vezes, falam assim:
como se fossem discursos
de homem muito importante
ou poemas de um poeta
que canta seus belos versos
com os olhos
cheios de lágrimas.

Mas
no fundo
as cores são como nós
têm seu lado infantil
gostam de festa e canção
de jogos e brincadeiras.
E numa ciranda alegre
saem a rodar por aí:
“Vamos brincar de inventar?”
E é então que elas inventam
as formas de um
mundo novo.



Este é o desenho oficial da Bandeira do Brasil. Ela foi adotada em 19 de novembro de 1889. Toda a reprodução da Bandeira Nacional deve obedecer rigorosamente as dimensões do modelo acima.

Assim, toda vez que você for desenhar nossa bandeira, preste atenção nos detalhes. Para que as proporções sejam bem exatas a bandeira deve ser desenhada dentro de um quadriculado que tenha vinte quadradinhos — iguais — na largura da bandeira e quatorze quadradinhos — do mesmo tamanho — na altura. Cada um destes quadradinhos a gente chamará de módulo. Assim, a bandeira tem vinte módulos de comprimento e quatorze módulos de altura. As outras dimensões todas são baseadas nestes módulos. Deu pra entender? O losango amarelo que fica no centro do retângulo verde tem quatro vértices, certo? Pra saber exatamente o tamanho deste losango a gente tem que colocar cada vértice a uma distância de um módulo e sete décimos das margens. Complicado, não é? Até hoje não entendi porque o desenhista da bandeira não fez esta distância numa medida exata: um ou dois módulos, pronto! Agora, o tamanho do círculo azul: ele tem três módulos e meio de raio. Pra desenhar a faixa branca é tão complicado explicar as distâncias que é melhor você ficar de olho no desenho e procurar fazer o mais aproximado possível. Só sei que a largura da faixa branca é de

meio módulo. As letras das palavras Ordem e Progresso são em cor verde, você sabia? A letra P de progresso fica exatamente em cima do diâmetro vertical do círculo. Reparem que a letra E é menor do que as outras letras de Ordem e de Progresso. Quanto à colocação das estrelas, aí é uma complicação. O melhor que você faz é quadricular a parte de baixo da faixa branca, dentro do círculo (conforme o desenho) e ir colocando cada estrelinha no quadradinho que sobrar para ela. Elas estão organizadas no círculo azul da mesma maneira que estão no céu do Hemisfério Sul e todas elas têm nome direitinho, conforme você pode ver no desenho lá em cima. Outra coisa: as estrelas não representam os Estados brasileiros, como muita gente supõe. Isto, desde a decisão tomada em 1971 com a promulgação da Lei nº 5.700 de 1º de setembro daquele ano. (Ziraldo)

Eu era menino, vivia entre os livros do escritório do meu pai mas já desconfiava enormemente dos livros chamados cívicos. Ou seja: dos livros que, nas entrelinhas de suas histórias, queriam me ensinar a obedecer, a ser bem comportado, a respeitar os mais velhos, a temer a autoridade, a ser bem educado, essas coisas. Eu gostava era das historinhas que me encantavam e não me cobravam nada. Acho que foi aí que descobri que ia ser humorista: eu desconfiava de todas as verdades que queriam me impor.

Olha que a pressão era grande! Com toda esta desconfiança, era impossível para mim deixar de me ufanar do meu país. Vivíamos sob o governo de Getúlio Vargas e o nosso Grupo Escolar estava sempre cheio de fotos muito simpáticas do sorriso do ditador brasileiro, com todas as criancinhas do Brasil indo a ele. E éramos obrigados a nos orgulhar de nossa terra, ainda que metade dos meus amigos de infância tenham morrido de schistose ou de ameba. Mesmo assim, nós marchávamos cheios de patriotismo no "Dia da Raça". Pobre raça a nossa! Na última parada em que eu marchei, mais de dez menininhos desmaiaram sob o sol forte de setembro. Cresci e virei desenhista. E criei e desenhei muitos símbolos, aprendendo a conviver com eles. De toda esta vivência infantil, uma coisa ficou muito marcada no meu peito (!): uma paixão emocionada pela bandeira do Brasil. Me lembro que, toda a vez que eu a via nas enciclopédias, lá no alto da página, entre as bandeiras da Bolívia

e da Bulgária, eu não tinha dúvidas: ela era a mais bonita de todas. Não tinha nem pra Inglaterra nem pro Japão!

Bem jovem ainda, fui pela primeira vez à Europa numa excursão de universitários mineiros. E fui visitar nosso cemitério dos pracinhas, em Pistóia. Eu ia olhando a paisagem italiana, morros e campos, árvores e céu e pensando que era bonito ver, lá fora do ônibus, uma paisagem que não era a da minha terra. De repente, numa curva da estrada, eis que me aparece tremulando lá no alto, contra o céu azul da península, a bandeira do Brasil. Caí no choro, na maior emoção, não deu pra resistir, como é que eu ia resistir se no "Dia da Raça" o porta-bandeira do desfile era eu? Imagine se eu tivesse ido pra guerra? Tinha morrido abraçado na bandeira. De chorar!

Depois, o tempo passou e eu fiz meu primeiro livro infantil. Chamava-se Flicts. E era a história de uma cor que percorria o mundo em busca de seu lugar. E na hora do Flicts visitar o lugar mais bonito do mundo eu queria botar lá a bandeira do Brasil, claro. Ela é que era a mais bonita. Não deu. Naquela época, 1969, a bandeira não me pertencia. Ninguém podia amar a bandeira do Brasil, naquela época. Tínhamos que respeitá-la. Só que aqueles que queriam que nós a respeitássemos confundiam respeito com medo. E aí, nós tínhamos medo da bandeira do Brasil, como quem tem medo de um pai severo, que obriga a que o respeitemos em troca de gritos e chineladas. Fiz, então, o Flicts sem verde, amarelo ou azul. Mas, fiquei muito frustrado. Foi aí que, de repente, me ocorreu a idéia de fazer esta fábula. Para resgatar minha bandeira da infância, minha bandeira da Enciclopédia, minha bandeira de Pistóia. Eu acho que o ato de amar implica em verbos parecidos com enrolar-se, enroscar-se, envolver-se, viver junto, dormir junto, abraçar, gostar muito. Não se ama o que se teme.

E agora, tenho esperanças de que uma nova era se inicie no Brasil. Uma era em que possamos sair por aí, com a bandeira da nossa terra fazendo parte do nosso corpo e da nossa alma — uma camiseta de verão — uma coisa íntima e muito respeitada, pois que a amamos por ser o símbolo da terra onde nascemos.

Aí está minha fábula. Quem achar que eu escrevi um livro cívico que vá plantar batatas. Não quero ensinar nada a ninguém. Sou apenas um rapaz (?) latino-americano que hoje sabe que tem — e assume inteiramente o adjetivo — um acendrado amor pela pátria.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>